

## ANEXO 4 – LULA – CONTEXTUALIZAÇÃO GERAL

Destaco, já inicialmente, que com relação a Luiz Inácio Lula da Silva, realizamos pagamentos, por ele solicitados a pretexto de contribuição de campanhas, para todas aquelas campanhas em que o ex-Presidente concorreu ao cargo de Presidente da República, mesmo naquelas que ele não saiu vitorioso. Adicionalmente, ressalvo que, desde que Lula foi eleito Presidente em 2002, e, mesmo no período em que eu já estava afastado da gestão dos negócios, a interlocução da Odebrecht com Luiz Inácio Lula da Silva continuou se dando através da minha pessoa.

Minha relação com o ex Presidente Luiz Inácio Lula da Silva remonta ao fim década de 80/começo de 90, quando fomos apresentados pelo ex-governador Mário Covas. À época, que coincidia com o período de redemocratização do Brasil e com o aumento dos investimentos da Organização no setor petroquímico, houve uma greve geral no Polo Petroquímico de Camaçari, no Estado da Bahia, comandada exclusivamente pelos operários do polo, sem o envolvimento de líderes sindicais ou do próprio sindicato. Como a greve não contava com o apoio do sindicato e tínhamos dificuldade de dialogar com os empregados que comandavam a greve, pedi apoio a Mário Covas, que por sua vez me sugeriu que eu conhecesse Luiz Inácio Lula da Silva, dada a sua reconhecida liderança no ambiente sindical e sua capacidade de mediar diálogos entre líderes grevistas e empresários. O ex-Presidente Luiz Inácio da Silva teve papel importante na retomada dos diálogos e após um período de pelo menos duas semanas uma das maiores greves já enfrentadas pela indústria petroquímica teve fim.

Assim conheci o ex Presidente Luiz Inácio Lula da Silva e desde então, criamos uma relação de proximidade e respeito mútuo. Nos encontrávamos de vez em quando para trocar ideias sobre o Brasil e a relação entre empresas e trabalhadores, inclusive sindicatos.

Uma vez que Luiz Inácio Lula da Silva assumiu a Presidência da República, mantive reuniões periódicas com ele, por vezes, trimestrais. Nessas reuniões, eu apresentava os assuntos empresariais de interesse da Organização que me pareciam compatíveis com as opções de políticas governamentais e projetos para o crescimento do país. Buscava entender, também, se o direcionamento estratégico que seria dado pelo governo de Luiz Inácio da Silva coincidiria com a nossa visão para determinados setores, tais como o petroquímico (detalhado a seguir), de energia renovável (etanol e eólica) e infraestrutura. Essas conversas permitiam-me ter uma

melhor compreensão das políticas de governo e, por consequência, melhor direcionar as empresas da Organização, bem como tentar influenciar que o ex-Presidente adotasse políticas de governo que fossem coincidentes com os nossos interesses empresariais, sendo que muitas vezes eu obtive êxito.

Pedia também o apoio de Luiz Inácio Lula da Silva para promover as agendas de interesse da Organização nas interlocuções que mantinha com os mandatários de outros países da América Latina e África, onde tínhamos negócios. Apesar de termos nestes países uma relação de confiança conquistada pela nossa atuação de longo prazo, ter o Presidente do Brasil falando sobre o que somos e representamos para o nosso país, era sempre um reforço à nossa imagem.

Assim, em razão da estreita relação que eu tinha com o ex-Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, e pela própria natureza e tempo da relação, sempre o apoiamos em suas campanhas à Presidência da República. Aliás, o nosso apoio financeiro se iniciou ainda quando ninguém o apoiava e não posso negar que fazíamos pagamentos em volumes consideráveis, mas também tenho que ressaltar que nosso apoio não foi apenas financeiro. A “Carta ao povo brasileiro”, datada de 22 de junho de 2002, e feita com o propósito de acalmar o mercado financeiro, é um exemplo exato do tipo de apoio não financeiro que dávamos ao ex-Presidente Lula. Essa carta tem muita contribuição nossa.

Nesse mesmo sentido, recordo-me, particularmente, que, em 2001 e 2002, organizei uma série de encontros com empresários de diversos setores para apresentar o ex-Presidente Lula e as suas ideias. Nessa época, havia uma grande desconfiança acerca de como seria um eventual governo do PT e do próprio candidato Lula. Tenho certeza de que a promoção desses encontros ajudou na redução da desconfiança que o setor empresarial tinha do ex-Presidente.

Como já dito acima, também apoiamos financeiramente todas as suas campanhas à Presidência da República. Especificamente com relação às campanhas de 2002 e 2006, Lula designou Antonio Palocci como o responsável pelas negociações e eu designei e deleguei a Pedro Novis, então Diretor Presidente da Odebrecht S.A., para operacionalizar o assunto, valor e forma de pagamento junto a Palocci. Ou seja, Lula me pedia, de forma genérica e sem detalhar valores comigo, ajudas financeiras a pretexto de contribuições de campanha. Eu, por meu lado, delegava o tema a Pedro Novis, dizendo que atendesse ao pedido de Lula, devendo negociar e

buscar isonomia com outros candidatos, que era uma regra interna que sempre tivemos. Entendia que dessa forma evitaríamos que ocorressem pedidos específicos fora dos períodos de campanha.

Reiterando o que foi mencionado acima, apesar de não conhecer detalhes, sei que parte dos pagamentos se deram com recursos provenientes do Caixa 2. Repito também, que minha estimativa é que tenhamos pagado ao PT/ex-Presidente Lula, em atendimento a solicitações feitas a pretexto de campanhas, o montante em torno de R\$ 20 milhões (valores históricos) por campanha.

A partir de 2009, meu filho Marcelo passou a ter a relação com o PT/Governo Federal. Como Marcelo não tinha interlocução com o ex-Presidente Lula, eu mantive esta relação diretamente com Lula. Marcelo, por sua vez, tinha como seu interlocutor nesta época Antonio Palocci, sendo que sempre que Marcelo precisava de algum reforço junto a Lula, eu procurava atender ao pedido do meu filho e o ex-Presidente, por sua vez, sempre procurava atender ao meu pedido.

O ano de 2010 foi o último em que tratei com Lula sobre contribuições às campanhas presidenciais, quando ele me solicitou pagamentos a pretexto de doação à campanha de Dilma Rousseff. Assim, como fiz com Pedro Novis em 2002 e 2006, pedi a Lula que Antônio Palocci, seu interlocutor, contatasse Marcelo, seguindo a mesma linha acima explicitada.

Além das campanhas presidenciais, Lula também me solicitou pagamentos, a pretexto de contribuições para as campanhas municipais e estaduais do PT de 2004 a 2010. Procedia da mesma forma que nas campanhas para presidente e, a depender do ano, pedia que ele informasse o interlocutor do PT para procurar Pedro Novis ou Marcelo, conforme o caso. Não me recordo quem tratava das contribuições para essas campanhas pelo PT.

Apresentarei, oportunamente, como dado de corroboração, agendas que consegui resgatar de reuniões que mantive com o ex Presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Brasília, \_\_\_\_\_ de novembro de 2016.

  
**Emílio Alves Odebrecht**